

O Neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro

André Mendes Pini ^{*}, Fábio Rodrigo Ferreira Nobre , Maria Eduarda Angeiras de Menezes 

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

*Autor correspondente. Email: andrepini@gmail.com

Resumo

Este artigo explora a influência do neopentecostalismo no âmbito político brasileiro, focando nos pontos de contato estabelecidos entre o populismo reacionário de Jair Bolsonaro e o conservadorismo religioso. O artigo argumenta que o neopentecostalismo forneceu uma base teológica e ideológica para a construção do populismo reacionário de Bolsonaro, a partir da legitimação de uma concepção radical de cidadania baseada na religiosidade. O artigo demonstra que o neopentecostalismo se tornou uma força influente na política brasileira, ajudando a conectar o governo Bolsonaro à ultradireita, o que levanta questões importantes sobre o papel da religião na política e os desafios de equilibrar a liberdade religiosa e os princípios seculares da democracia em um governo de caráter populista, autoritário e reacionário.

Palavras-chaves: Bolsonaro, Neopentecostalismo, Ultradireita, Populismo

1. Introdução

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava” (Atos 2:4), essa passagem do quinto livro do novo testamento da Bíblia é uma das bases da doutrina pentecostal. Essa vertente evangélica surgiu de um movimento iniciado nos Estados Unidos da América (EUA), no alvorecer do século XX, em uma sequência de eventos conhecidos como Avivamento da Rua Azusa. Nesses encontros, marcados por clima eufórico, fugindo do comedimento das missas católicas e dos cultos dos protestantes tradicionais, foi registrado a atuação direta do Espírito Santo, como a cura de doenças e pessoas falando em línguas desconhecidas¹. O neopentecostalismo chegaria ao Brasil pouco tempo depois, ampliando, paulatinamente, sua penetração na sociedade. Nas últimas décadas esse movimento adquiriu contornos políticos, buscando influenciar na formulação de políticas públicas, o que

1. Fenômeno conhecido como glossolalia.

ficou evidenciado, de maneira paradigmática, ao longo do governo Bolsonaro. O presente artigo se debruça sob essa questão a partir da problemática vinculada aos pontos de contato que o neopentecostalismo estabeleceu com pautas da ultradireita, levando a agendas políticas, culturais e sociais cada vez mais radicais.

A pergunta de pesquisa que orienta o artigo é “Como o neopentecostalismo converge com agendas e ideologias de ultradireita no Brasil?” e, a partir disso, se estabelece um estudo de caso vinculado ao governo Bolsonaro (2019 – 2022). A escolha do tema justifica-se a partir de sua conexão com fenômenos globais, estabelecendo pontos de contato entre a conjuntura política e religiosa brasileira com tendências de caráter internacional, como a crescente participação de atores vinculados ao conservadorismo religioso na política e a ampla influência de pautas, agendas e ideologias de ultradireita na política mundial.

A ascensão da ultradireita na segunda década do século XXI é, de fato, um fenômeno de características globais. A compreensão dessa temática requer, certamente, um olhar direcionado tanto para as características internacionais desses movimentos, lideranças e ideologias, como também para as singularidades desses processos em cada Estado. A eleição de Jair Bolsonaro em 2018 determinou a inserção do Brasil no rol de Estados governados por lideranças de ultradireita e promoveu inflexões severas nos rumos da política doméstica brasileira, oferecendo protagonismo inédito a determinados grupos políticos antes aliados ou marginalizados. Desse modo, o presente artigo destaca a influência de lideranças religiosas no governo Bolsonaro, sobretudo aquelas ligadas ao neopentecostalismo, cujas pautas, agendas e ideologias convergiram diretamente com o posicionamento de ultradireita do bolsonarismo.

Mudde (2019) afirma que a segunda década do século XXI está vivenciando a chamada “quarta onda de ascensão da ultradireita”, caracterizada, sobretudo, pela integração e normalização de lideranças, movimentos e ideologias radicais à política “normal” (Mudde 2019). Assim, percebe-se que, apesar de a ultradireita ter se mantido às margens da política democrática durante muitas décadas, atualmente eles são parte do *mainstream*, o que fica evidente ao se analisar os contextos políticos não apenas do Brasil, como também de democracias liberais consolidadas, como os EUA, a França e o Reino Unido.

Nesse sentido, o mundo assistiu à recente escalada ao poder de líderes ultradireitistas como Donald Trump e Jair Bolsonaro. Compreende-se Bolsonaro, de fato, como um político de ultradireita, uma vez que sua plataforma política abrange agendas racistas, xenófobas, misóginas e autoritárias. O discurso de ódio contra minorias, como quilombolas, negros, mulheres e a população LGBTQIAP+, constitui um dos principais pilares de sua agenda. Entretanto, para além de ações simbólicas, o governo de Jair Bolsonaro efetivamente acenou para medidas autoritárias, ao estimular discursos golpistas, participar de eventos que defendiam intervenção militar e defender o fechamento do Superior Tribunal Federal. Além disso, o autoritarismo populista de direita radical de Bolsonaro também fica evidenciado ao colocar em xeque a legitimidade tanto do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) quanto das urnas eletrônicas, chegando, inclusive, a ameaçar a realização das eleições presidenciais de 2022.

No caso brasileiro, Bolsonaro contou apoio dos evangélicos neopentecostais, cuja mobilização foi um dos fatores determinantes para a vitória do presidencial no ano de

2018, uma vez que, de acordo com a pesquisa realizada pelo Datafolha (2018) (G1 2020), Bolsonaro teria cerca de mais de 11 milhões de votos do que seu principal adversário, Fernando Haddad, entre os evangélicos. Portanto, levando em consideração a presença da religião como ator influente na política, faz-se mister delinear as características das denominações neopentecostais e estabelecer seus pontos de contato com a ultradireita.

Identifica-se na pesquisa que a principal convergência entre a ultradireita e o neopentecostalismo reside na formulação de uma ideologia Populista Reacionária por parte do governo Bolsonaro. A partir de uma concepção de sociedade excludente e hierarquizada, a figura do “cidadão de bem” associado a ideias cristãs foi estabelecido como a figura dotada de legitimidade pelo bolsonarismo, ao passo que a elite política associada à esquerda e ao declínio dos valores morais do Ocidente deveriam ser combatidos.

O artigo é dividido em três seções. Inicialmente, apresenta-se o conservadorismo religioso e sua vertente neopentecostal, pontuando seu histórico e suas características. A seguir, define-se o que se compreende como ultradireita, determinando os marcos teóricos e conceituais utilizados no artigo, enfatizando a noção de populismo reacionário. Por fim, demonstra-se as conexões entre o neopentecostalismo e a ultradireita por meio do estudo de caso, que busca conectar a influência das pautas e agendas de ultradireita no governo Bolsonaro a partir da atuação de setores neopentecostais, demonstrando a maneira pela qual esse elemento religioso foi instrumentalizado para legitimar uma política populista reacionária.

2. O Conservadorismo Religioso e o Neopentecostalismo no Brasil

Em 1910, apenas quatro anos depois das primeiras manifestações modernas do pentecostalismo nos EUA, esse movimento religioso chegou ao Brasil, por meio do pregador Luigi Francescon e a fundação da Igreja Congregação cristã no Brasil (Freston 1999). Freston (1999) divide o pentecostalismo brasileiro em três períodos, conhecidos como as ondas pentecostais, ao passo que Mariano (1999) as categorizou como a) “pentecostalismo clássico”, b) “deuteropentecostalismo” e c) “neopentecostalismo”.

A primeira onda, o pentecostalismo clássico, surgiu por volta de 1910 e tem como principais práticas o batismo no Espírito Santo, experiência onde o fiel se batiza nas águas para remissão dos pecados, a glossolalia, que consiste no dom de falar em línguas desconhecidas, e a crença na volta iminente de Jesus Cristo à Terra (Mariano 1999). A segunda onda, o deuteropentecostalismo, despontou entre as décadas de 1950 e 1960, trazendo para o pentecostalismo o preceito da Cura Divina e as experiências de expulsão de demônios, o que foi um dos elementos responsáveis pela ampliação pentecostal ao redor do mundo (Mariano 1999). Também são marcos dessa onda a ideia do evangelismo itinerante e o projeto de difusão dos cultos através de meios de comunicação em massa como rádio e televisão (Freston 1999).

Já nas décadas finais do século XX surgiram as primeiras manifestações do neopentecostalismo, que emergiu afirmando-se como uma renovação das igrejas pentecostais, uma vez que passou a romper com importantes fundamentos do pentecostalismo clássico (Mariano 1999). O ascetismo religioso e a crença numa salvação pós-vida são exemplos dessa ruptura, já que os neopentecostais creem numa graça alcançada ainda em vida, contrariando as duas ondas anteriores. Além disso, o neopentecostalismo

estabeleceu as Teologias do Domínio (TD) e da Prosperidade (TP) como fundamentos basilares de sua doutrina, o que demonstra uma preocupação maior em relação a vida terrena, contrariando a tendência dos pentecostais e protestantes clássicos de priorizar as dádivas do pós vida.

3. Crescimento Neopentecostal no Brasil

Surgidas no Brasil a partir da criação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, no Rio de Janeiro, por Edir Macedo e seu cunhado R. R. Soares, as igrejas neopentecostais despontaram rompendo com vários traços sectários e ascéticos do pentecostalismo clássico. Exemplos desse processo são a aversão a hábitos e vestimentas considerados mundanos e a proposição de novos ritos, crenças e práticas, estabelecendo assim uma nova maneira de se relacionar com a sociedade.

O ritmo de crescimento da população evangélica no Brasil mais que dobrou entre os anos de 1970 e 2000, intervalo de tempo em que surgiram a maioria das igrejas neopentecostais, no entanto seu maior crescimento veio no início do século XXI, quando os evangélicos passaram de 15,6% em 2000 para 22,89% em ao final da década de 2010 (IBGE 2012). No período analisado no presente artigo, vinculado ao governo Bolsonaro, essa tendência de crescimento é mantida, com a porcentagem de brasileiros evangélicos subindo para 31% , segundo o Datafolha (2020) (G1 2020),

Apesar disso, o crescimento dessa vertente religiosa não se atém exclusivamente ao número de adeptos. Com o passar dos anos aumentou também a quantidade de templos nas mais diversas cidades brasileiras, além da aquisição, por parte dos líderes neopentecostais, de emissoras de TV e rádio, podendo ser citadas como exemplo a compra da rede de televisão comercial aberta “TV Record”, pelo bispo fundador da IURD, Edir Macedo e a fundação da “Nossa Rádio”, rede de rádio, pelo criador da Igreja Internacional da Graça de Deus, R.R Soares.

4. Teologia da Prosperidade e Teologia da Dominação

Um dos fundamentos basilares da doutrina neopentecostal são a teologia da prosperidade (TP) e a teologia da dominação (TD). A TP doutrina prega que a obtenção de lucro e riquezas materiais não deve ser vista como um problema moral (como postula o cristianismo clássico) e sim como algo desejável e valorável, sendo o sucesso material e o dinheiro reconhecidos como reflexos da ação de Deus na vida do ser humano (Mendes 2018). Conforme Menezes (2021, p.7), essa doutrina evangélica prega que “males como problemas financeiros ou de saúde são atribuídos à falta de fé e fruto do pecado, e em ambos os cenários a demonstração de fé está atrelada a doações financeiras para a Igreja”.

O sucesso da TP no Brasil se deve a um elemento característico das igrejas neopentecostais: a utilização de meios de comunicação populares como forma de alcançar um maior público. Através da transmissão de programações religiosas nos rádios e televisões, as igrejas expõem testemunhos de fiéis que já foram agraciados com as bênçãos divinas por cura física, emocional e espiritual ou com a conquista de bens materiais. Dessa forma, grande parte da população que não possui as demandas sociais supridas pelo governo, passa a buscar na religião solução para problemas “mundanos” de caráter financeiro.

Além da teologia da prosperidade, outra disciplina serve de base para o neopentecostalismo: a teologia do domínio (TD), conhecida também como dominionismo (Pereira 2022). A TD se constrói através do dualismo *Deus X Diabo* e da ideia de que há uma guerra espiritual na qual essas entidades guerreiam pelo domínio do mundo material. A teologia do domínio ainda enfatiza a existência de demônios hereditários e territoriais, que propagam males espirituais sobre regiões específicas e até sobre indivíduos de uma mesma família, e corriqueiramente esses demônios são vinculados a santidades católicas e divindades provenientes das religiões de matrizes africanas, o que intensifica a rivalidade entre essas denominações religiosas e instaura o que se pode chamar de guerra santa no Brasil (Mariano 1999).

Pereira (2022) relaciona ainda a TD à Doutrina dos Sete Montes, que prega a existência de sete esferas estratégicas da sociedade que devem ser conquistadas pelos cristãos, a saber: Artes e Entretenimento, Mídia e Comunicação, Governo e **Política** (grifo nosso), Economia e Negócios, Educação e Ciência, Família e, Igreja e Religião. A TD, portanto, confere aos fiéis a responsabilidade de entrar nessa guerra espiritual auxiliando Deus a vencer, sendo a principal forma de se obter êxito na cristianização do mundo. Esse pensamento acaba por contribuir para o aumento do interesse das igrejas neopentecostais em lançar candidatos a cargos políticos tanto municipais quanto estaduais e federais.

5. Irmão vota em irmão: a inserção Neopentecostal na política eleitoral

Em 1910 quando se deu a chamada primeira onda do pentecostalismo brasileiro, sob forte influência do metodismo, as igrejas pregavam uma postura de rejeição e afastamento de interesses considerados “mundanos” ou “do mundo”, como, por exemplo, o usufruto de bebidas alcóolicas, televisão, cinema, rádio, e, principalmente, política. Ou seja, a denominação pentecostal exigia um ascetismo sectário de seus fiéis, pois, segundo Mariano (1999, p.190), “para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferenciem da sociedade inclusiva”. Ao levar em conta a herança ascética advinda do metodismo, o pentecostalismo clássico pode ser considerado uma onda apolítica do pentecostalismo, característica que começa a se alterar a partir do advento do deuteropentecostalismo, a segunda onda desse fenômeno (Menezes 2021).

A partir da década de 1960, ao longo da Ditadura Civil-Militar brasileira, o anti-politicismo foi substituído pelo adesismo, que, tomados pelo sentimento anticomunista advindo do fundamentalismo religioso dos Estados Unidos, os pentecostais conservadores brasileiros optaram por uma postura condescendente com o governo dos militares (Menezes 2021). A partir disso, Freston (1999) identifica que a maior participação dos evangélicos na política se deu a partir de 1986, no fim da Ditadura Civil-Militar, com a Assembleia Constituinte, enquanto Barbosa (2020) afirma que, a partir da Constituição de 1988, surgiram os denominados “políticos de Cristo”, sendo os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus os responsáveis por inaugurar uma nova forma de fazer política, em um momento de crescimento da representação evangélica no país. Historicamente, segundo Barbosa (2020), há uma forte tendência dos políticos evangélicos assumirem uma postura mais governista independente da posição ideológica do

governante, com o objetivo claro de que suas pautas sejam aprovadas mais facilmente.

No Parlamento, esses políticos agem de forma corporativista e institucionalizada (Barbosa 2020) e, dessa forma, em 2003, organizaram a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), mais conhecida como Bancada Evangélica, formalizada em 2015. Esse grupo conta, em 2022, com 75 deputados e 13 senadores que, em nome da fé, juntam-se na defesa de uma agenda moral para combater assuntos sensíveis como os relacionados ao casamento homoafetivo, igualdade de gênero e aborto. Essa questão demonstra a influência da Teoria da Dominação na atuação política dos evangélicos, que passam a ocupar espaços políticos fundamentais para o estabelecimento de políticas públicas com o fim de incorporar seus valores religiosos ao corpo normativo do Estado brasileiro.

6. A Ultradireita enquanto fenômeno político

A ultradireita pode ser definida como movimentos, ideologias e lideranças heterogêneas caracterizadas pela convergência em torno de temas como a defesa de uma relação social hierárquica entre grupos de uma sociedade, o ultranacionalismo, a xenofobia, o repúdio ao pluralismo sociocultural e um sentimento contrário às elites do establishment político (Minkenberg 2000; Greven 2016; Mudde 2018). A ultradireita defende e deseja que as sociedades mantenham hierarquias claras, em oposição a princípios modernos como a “igualdade”. A ultradireita prioriza, assim, em suas políticas, aqueles considerados *insiders*, – os cidadãos legítimos – geralmente a partir de lógicas raciais, étnicas, nacionais, religiosas ou uma combinação desses fatores – e exclui os *outsiders*, geralmente compostos por minorias raciais, religiosas, nacionais ou étnicas que supostamente ameaçariam o bem estar e a segurança de uma pátria idealizada (Jupskås e Leidig 2020; Mudde 2019; Pini 2021)

A heterogeneidade do prisma multifacetado que compõe a ultradireita apresenta diferenças no modo como movimentos, ideologias e lideranças se relacionam com a democracia, como se organizam frente ao jogo político e como buscam inserir suas pautas perante a sociedade, podendo, nos casos mais extremos, corresponder a movimentos violentos (Minkenberg 2000; Lee 2017; Jupskås e Leidig 2020; Mudde 2019; Pini 2021). Alguns setores da ultradireita ainda são capazes de conviver com a democracia, ainda que de modo iliberal, se organizando em torno de partidos políticos, bancadas legislativas, *think tanks*, e movimentos com distintos graus de organização, formalização e institucionalização (Pini 2021). No entanto, esses diferentes atores tem em comum o fato de rejeitarem o pluralismo inerente ao jogo democrático e a igualdade enquanto pré-condição para a organização da sociedade, uma vez que defendem hierarquias sociais explícitas (Mudde 2019).

No sentido mais extremo, a ultradireita pode ser incompatível com a democracia ao ignorar princípios básicos dos direitos humanos e propor modelos autoritários e violentos, como a subjugação da democracia, o estabelecimento de ditaduras com forte culto ao líder, a centralidade da xenofobia e do racismo na política, a glorificação da violência e ainda o emprego de técnicas de propaganda que sistematicamente enganam a população (Mudde 2019). Não à toa o paradigma mais extremo da ultradireita é a experiência fascista histórica. Stanley (2018) aponta que, embora o fascismo seja um fenômeno situado em um determinado contexto histórico e geográfico, a ultradireita contemporânea se utiliza de técnicas semelhantes a ele de modo a propagar seus ideais:

a utilização de técnicas de propaganda, políticas anti-intelectualismo e exploração de um passado mítico. A política ultradireitista fetichiza um passado idealizado, impondo a necessidade de lideranças fortes que busquem retomar um passado glorioso idealizado (Stanley 2018).

No Brasil, a ultradireita possui lastro político e ideológico associado à maior representação política que já teve na história do país, o Integralismo. Esse movimento surgiu no país na década de 1930, fortemente influenciado pelos ideais e práticas fascistas que se proliferavam na Europa após o fim da primeira grande guerra mundial. Dotta (2012) divide essa corrente em quatro períodos distintos: o primeiro período se iniciou com a publicação do “manifesto de outubro” pelo fundador e líder do movimento, Plínio Salgado, e durou de 1932 até 1938. No segundo momento, iniciado em 1938 e findo em 1945, Dotta (2012) destaca a condição de clandestinidade enfrentada pelo movimento. Com a derrocada do nazifascismo na Europa se iniciou o terceiro período –, quando Plínio Salgado tentou retornar à arena política com o Partido de Representação Popular, o PRP. Finalmente, o quarto período do Integralismo, de “declínio e pulverização”, iria de 1965 até os dias de hoje, quando, a partir da internet, os integralistas remanescentes passaram a criar comunidades online destinadas a fornecer subsídios ideológicos para a estruturação de uma ultradireita brasileira com características integralistas (Dotta 2012).

7. O Populismo e a Ultradireita

No âmbito da ultradireita deve-se levar em consideração a dimensão populista desse fenômeno, classificada como Populismo de Direita Radical (PDR) ou Populismo Reacionário (PR) (Mudde 2019; Lynch e Cassimiro 2021). Sobre o conceito de populismo, Laclau (2005) o interpreta como um processo no qual “o povo” se torna um sujeito político atrelado a uma identidade coletiva a partir da cooptação de um líder que clama pela representação desse coletivo supostamente homogêneo. Vergara (2020) aponta que esse povo representado no discurso do líder populista seria a única parcela da população dotada de legitimidade, ou seja, essa fração populacional busca funcionar como a totalidade da comunidade. O conceito de populismo é definido por Mudde (2004) como uma ideologia que considera a sociedade dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos – as “pessoas puras” e “a elite corrupta” – sendo que o populista clama para si a expressão da vontade geral do povo (Mudde 2004). Mudde (2019) ressalta que, embora o populismo seja um fenômeno que transita entre diferentes espectros ideológicos, quando associado ao fenômeno da ultradireita ele adquire outras duas características: o nativismo e o autoritarismo.

O nativismo se traduz numa soma de discursos racistas e xenófobos estruturados em torno de uma visão excludente da nação, pregando uma ordem social rígida e um punitivismo severo voltado para os “não nativos” (Mudde 2019). Essas ideias convergem ao fazer a separação entre um “nós”, representante da “população legítima”, e um “outro”, que seria uma ameaça a ser combatida. É comum no discurso nativista, inserido no âmbito do populismo, a construção de uma retórica na qual, supostamente, as elites corruptas favorecem, de alguma maneira, as populações não-nativas em detrimento das nativas (Pini 2021). O desenvolvimento de uma identidade religiosa, por exemplo, pode contribuir para criar comunidades imaginadas e reforçar essa diferenciação entre

grupos.

Já o autoritarismo fica explícito como uma consequência da soma dos discursos populistas e nativistas. O líder populista tem como característica a construção de um argumento no qual a legitimidade para o exercício do poder residiria no povo e não nas elites, deslegitimando autoridades, políticos e partidos opositores, e mesmo a mídia. Perante a ameaça construída sob a ótica nativista, o líder populista se apresenta enquanto um insurgente disposto a enfrentar as elites supostamente corrompidas, sem que, para isso, ele tenha de adotar medidas autoritárias (Norris e Inglehart 2019).

Lynch e Cassimiro (2021) interpretam o fenômeno do Populismo associado a concepções de ultradireita como “Populismo Reacionário” (PR). Os autores definem esse termo como “baseado em três características: o apelo “ao povo” contra “a elite”, “o politicamente incorreto” e a percepção de que existiria no mundo uma crise em risco de ruptura ou uma ameaça iminente” (Lynch e Cassimiro 2021, p.17). O PR seria autoritário por natureza, pois em sua narrativa a democracia é associada às estruturas que mantêm os privilégios de uma elite política corrupta, e o líder populista, nesse caso, apresenta-se como um “herói antissistema”.

Lynch e Cassimiro (2021) argumentam que a construção de um Populismo Reacionário ajuda a legitimar agendas políticas de ultradireita importantes:

O “povo” necessitaria ter o direito de portar armas e se organizar em milícias para proteger sua “liberdade” contra essa “ditadura comunista” imposta do alto. A redução das causas de todos os fenômenos combatidos pela direita radical a uma única ideologia (o “comunismo cultural”), supostamente manejada por um uma elite cosmopolita homogênea em complô contra os povos, é típica da ideologia reacionária contemporânea (Lynch e Cassimiro 2021, p. 4).

Elementos religiosos podem ser assimilados pela ultradireita, sobretudo nas concepções de legitimidade daqueles considerados *insiders*, ou nativos. Em discursos populistas, o “povo legítimo” também pode ser associado a elementos religiosos. Desse modo, a seção seguinte busca explorar a maneira pela qual essa conexão entre a ultradireita e a religião, e, em particular, o neopentecostalismo, é estabelecida.

8. Convergências entre o Neopentecostalismo e o Populismo Reacionário de Bolsonaro

Uma vez estabelecidas no artigo as características do neopentecostalismo no Brasil e da ultradireita enquanto fenômeno político, social e ideológico, a presente seção busca demonstrar como esses dois temas convergem, tendo como estudo de caso o governo Bolsonaro. No presente artigo, identifica-se Bolsonaro enquanto uma liderança política inserida no espectro político da ultradireita, com uma plataforma política associada ao Populismo Reacionário. O PR tem como objetivo resistir aos avanços da igualdade social, buscando uma restauração de uma suposta ordem que foi corrompida, o que demonstra seu caráter reacionário (Lynch e Cassimiro 2021). Argumenta-se, portanto, que o papel assumido pelo neopentecostalismo na agenda de ultradireita de Bolsonaro foi de ajuda na composição dos elementos populistas que ajudaram a construir a narrativa política do bolsonarismo. (Lynch e Cassimiro 2021, 2) deixam claro como esse PR bolsonarista se vincula intimamente à agenda religiosa:

Essa ideia reacionária de “restauração da ordem” organiza o mundo entre bons nacionalistas conservadores (o “povo”) e maus cosmopolitas e progressistas (o “an- tipovo”), e **prega uma cruzada apocalíptica da salvação de uma “civilização judaico cristã ocidental”** entendida como coletividade de famílias organizadas em nações culturalmente definidas, mais ou menos independentes do Estado e **amalgamadas pelo cristianismo** (Lynch e Cassimiro 2021, p. 2) [grifo nosso].

Isso pode ser percebido ao se analisar o flerte de Bolsonaro com os neopentecostais e, posteriormente, a influência desse grupo conservador religioso em seu governo. Autodeclarado católico, Jair Bolsonaro, em sua trajetória até a presidência do Brasil, acenou diversas vezes para o eleitorado evangélico e, principalmente, o neopentecostal. A relevância desse movimento para sua eleição foi crucial e, por esse motivo, cabe aqui a identificação de elementos que fizeram o eleitorado neopentecostal se identificar com a figura do ex-militar. Ferreira (2020) discorre sobre a junção da religião neopentecostal com a política da ultradireita no Brasil e afirma:

Quando uma vertente religiosa ganha muito domínio e influência sobre grande parte da população de um país, como ocorre no Brasil com as igrejas evangélicas, fica fácil ditar as condutas e manipular os comportamentos. E quando essa vertente religiosa se vincula a uma vertente política, o país se torna completamente vulnerável aos interesses desses grupos como se fossem seus próprios interesses (Ferreira 2020, p. 4).

Compreende-se que os principais pontos de contato da ultradireita com o neopentecostalismo advêm da influência da Teologia do Domínio. A TD constrói uma narrativa de luta entre o bem e o mal em uma verdadeira guerra espiritual, impondo a necessidade de ampliação da influência neopentecostal em diversos setores da sociedade, da esfera cultural à social e política. Essa orientação vai ao encontro de marcos teóricos comuns à ultradireita global, o chamado Tradicionalismo, que concebe a contemporaneidade como um tempo de colapso dos valores religiosos e de declínio espiritual, impondo a necessidade de um resgate das conexões entre a sociedade ocidental e o mundo “transcendental” (Sedgwick 2004; Lynch e Cassimiro 2021).

O Tradicionalismo é um movimento ideológico heterogêneo que serve como ponto de convergência entre a ultradireita global. As ideias Tradicionalistas têm como base autores como Rene Guénon e Julius Évola, criando uma espécie de “esoterismo religioso” conservador, que preza pela manutenção de práticas antigas e “tradicionais” contrárias à modernidade (Sedgwick 2004). A subjetividade das concepções religiosas do Tradicionalismo permitem que ele seja apropriado por distintas religiões, desde o catolicismo, até correntes cristãs protestantes e ortodoxas. Teitelbaum (2020) afirma que essa corrente se apegua a tradições vinculadas a autoridades divinas, considerando que o Ocidente moderno teria se afastado desses elementos metafísicos e se corrompido a partir de ideais seculares associados ao iluminismo (Sedgwick 2004). Percebe-se que o Tradicionalismo oferece um arcabouço ideológico perfeito para movimentos de ultradireita, uma vez que estabelece esse passado mítico como um ideal a ser retomado – o elemento reacionário da ultradireita – e que possibilita a interpretação dos avanços sociais das sociedades modernas como grandes fatores de corrupção do ocidente, como os direitos das minorias, as pautas homoafetivas e o cosmopolitismo.

No Brasil, Olavo de Carvalho se destacou por introduzir as narrativas Tradicionalistas ao imaginário político e ideológico da ultradireita do país (Lynch e Cassimiro

2021). Não à toa Carvalho foi o principal ideólogo do governo Bolsonaro, influenciando nos seus elementos ideológicos e políticos por meio de seus ex-alunos, que ocuparam distintos cargos em pastas importantes, como o Ministério da Educação e o Ministério das Relações Exteriores.

A ultradireita é responsável pela construção de uma narrativa que atribui o suposto declínio do ocidente ao “marxismo cultural” e ao “politicamente correto” (Pini 2021). O termo “marxismo cultural” foi introduzido ao debate público por Minnicino (1992), atribuindo aos comunistas, sionistas e freudianos da Escola de Frankfurt a tarefa de, supostamente, enfraquecer o legado judaico-cristão por meio da determinação de novas formas culturais, aos quais ele atribui a alcunha de “nova barbárie”. Essa crítica ao comunismo, que supostamente permeia a sociedade, e ao politicamente correto também é comum aos neopentecostais, que afirmam que seus valores tradicionais, como a família e a liberdade religiosa estariam ameaçados frente ao avanço do marxismo cultural (Lynch e Cassimiro 2021).

Além disso, é comum a movimentos de ultradireita se enxergar como ameaçados, usando o argumento da existência de uma “guerra cultural”, em que os ideais marxistas e de minorias étnicas estariam supostamente tomando o controle da sociedade e, portanto, caberia aos ultradireitistas preservar a tradição e os bons costumes afetados pela globalização². Esse argumento também acaba atingindo outras parcelas da população, como, por exemplo, os religiosos conservadores, que temem o progressismo e o efeito das agendas modernas nos modos de organização social tradicionais, pautados por eufemismos como “família” e “ordem” (Lynch e Cassimiro 2021).

O avanço de pautas identitárias – como o combate ao racismo, o avanço do feminismo e dos direitos reprodutivos da mulher, além de questões relacionadas ao casamento homoafetivo – no *mainstream* político são vistos tanto pela ultradireita quanto pelos neopentecostais como temas que corrompem a sociedade. Não à toa os ideais defendidos pela ultradireita e compartilhados pelos setores radicais do neopentecostalismo afirmam que esses avanços progressistas afastariam a população de Deus, impondo um “comunismo cultural” que estimularia o ateísmo, a homossexualidade e o aborto (Lynch e Cassimiro 2021).

O anticomunismo característico da ultradireita também é pauta de relevância para alguns grupos religiosos, e os neopentecostais acabaram por incorporar essas pautas, como a compreensão de que o “marxismo cultural” seria responsável pelo estímulo ao ateísmo, a homossexualidade, o ódio de gênero e o aborto (Lynch e Cassimiro 2021). O debate sobre família tradicional também é uma das pautas principais dos religiosos neopentecostais. Sendo assim, a busca por um retorno a um passado idealizado supostamente tradicional e a tentativa de manutenção do ideal de família constituem características que podem ser citadas como comuns aos ultradireitistas e aos neopentecostais. A questão da legalidade do aborto, por exemplo, é debatida entre esses grupos, sendo eles comumente contra a legalização no Brasil e a favor de um argumento “pró-vida”. Dessa forma, o desejo de manutenção de uma determinada estrutura familiar heteronormativa constitui outro ponto de convergência entre a ultradireita e os neopentecostais.

2. Globalização é o processo de aproximação entre asdiversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político.

Sobre a família, Bolsonaro, apesar de ter filhos com diversas mulheres diferentes e três divórcios em sua trajetória pessoal, afirma prezar pela tradição, evoca um passado mítico onde supostamente existiam apenas famílias heteronormativas e faz desse seu lema de campanha: “Deus, Pátria e Família”. Bolsonaro, ao longo de sua carreira política, se autointitulou defensor da família tradicional cristã, mas o ponto de partida determinante para sua associação ao neopentecostalismo foi seu batismo no Rio Jordão, em Israel, no ano de 2016. Já em 2018, no ano eleitoral, Bolsonaro recebeu apoio público de grandes líderes neopentecostais como, por exemplo, do deputado e pastor Marco Feliciano (PL) e do bispo dono da TV Record, Edir Macedo. A nomeação de Damares Alves para chefia do Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos foi outro dos acenos do presidente ao eleitorado neopentecostal que demonstra a convergência com o reacionarismo. Damares é pastora e publicamente opositora do movimento feminista, da legalização do aborto e da maconha, tornando-se uma das figuras políticas paradigmáticas da ultradireita brasileira, o que a levou, após o governo Bolsonaro, ao cargo de Senadora pelo Distrito Federal em 2022.

A diferenciação entre um “nós” e um “outro” e a definição de um inimigo comum é mais uma das características partilhadas pelas duas agendas trabalhadas. Ao determinar e segregar, mesmo que simbolicamente, grupos antagônicos, cria-se uma atmosfera de competição e desarmonia capaz de atrapalhar o jogo democrático. Neopentecostais costumemente atribuem os males do mundo à existência de uma entidade exclusivamente moldada para fazer o mal, o Diabo. Já os ultradireitistas podem atribuir essa função a grupos diversos, como estrangeiros, imigrantes, políticos de oposição e etc. No Brasil é possível observar que a comunidade escolhida como antagonista dos “homens de bem cristão conservadores” são os progressistas.

O anticomunismo, de fato, foi uma das principais pautas da agenda de Bolsonaro, que se utilizou dessa corrente para atrair eleitores religiosos e da ultradireita. Em suas críticas à esquerda, ele afirma que há uma tentativa de implementar um regime comunista no país, no mês de julho de 2022, durante uma missa, ele afirmou “*rezo um Pai Nosso e peço a Deus que o nosso povo, vocês, brasileiros, não experimentem as dores do comunismo*”. Além disso, Bolsonaro relacionou diversas vezes o comunismo ao Diabo e forças malignas, definindo então a esquerda e os comunistas como grupos antagônicos ao seu, que seria a direita, “cidadãos de bem” e “cristãos”.

Haynes (2012) *apud* Ferreira (2012) afirma que a ênfase dada na atualidade à ideologia secular e ao avanço da modernização impulsionam grupos religiosos a buscarem se afirmar em um mundo complexo e multifacetado pelo avanço da globalização. De forma semelhante, a ultradireita teme e rechaça os progressos alcançados pela sociedade moderna, ressentindo-se dos avanços sociais desde o pós-guerra, em que valores cosmopolitas e multiculturais permitiram o desenvolvimento de bandeiras progressistas, considerando que a sociedade ocidental estaria em declínio (Norris e Inglehart 2019). Portanto, o receio e a necessidade de reafirmar seu grupo diante da ameaça representada pelas mudanças advindas da globalização também são um ponto convergência entre a ultradireita e os neopentecostais.

O anticientificismo característico da ultradireita também foi flagrante no governo Bolsonaro. Isso ficou evidente a partir das lógicas negacionistas que orientaram o combate à Covid-19 por Bolsonaro, resultando em mais de 600.000 mortes no Brasil ao

longo da pandemia. Essa questão também demonstrou convergência com o movimento neopentecostal, uma vez que, Bolsonaro demonstrou publicamente ser contrário ao fechamento obrigatório de templos religiosos ao longo da pandemia, defendendo a realização de cultos e missas presenciais no país. Além disso, ao longo da pandemia, o pastor Silas Malafaia foi parte integrante de reuniões voltadas a tratar dos decretos municipais que, na época, vetavam o funcionamento das Igrejas.

O combate ao racismo é, de acordo com Smith (2019), pouco discutido dentro das igrejas neopentecostais, o que, portanto, abre espaço para que os ideais racistas e de hierarquização social adentrem esses ambientes religiosos e ajudem na associação desse movimento à ultradireita. Isso fica evidente ao se perceber que, mesmo com diversos discursos racistas proferidos por Bolsonaro, o apoio neopentecostal se manteve. Em uma de suas falas, em 2011, ao participar de um quadro do extinto programa de TV CQC³, quando perguntado pela cantora brasileira Preta Gil, que é afrodescendente, o que faria se seu filho casasse com uma mulher negra, Bolsonaro afirmou que não corria esse risco, pois seu filho "*foi bem criado*", associando, portanto, o relacionamento interracial com uma má-educação por parte do branco. Ele também já proferiu as palavras "*[o] afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas*", insinuando, nesse caso, que a pessoa preta/negra deveria ser pesado utilizando a mesma unidade de medida costumeiramente utilizada para pesar animais, dentre outras declarações racistas, como a afirmação de que "*(o quilombola) nem para procriador ele serve mais*", novamente equiparando o cidadão preto/negro com gado.

Percebe-se, portanto, que a construção do populismo reacionário de Jair Bolsonaro depende do estabelecimento de uma distinção entre as parcelas legítimas e nativas da sociedade – os cristãos conservadores – enquanto a parcela da sociedade identificada com ideais progressistas e cosmopolitas seriam outsiders responsáveis pela degradação do Brasil e do Ocidente. Nesse sentido, percebe-se que o neopentecostalismo não é, de maneira flagrante, o pilar da construção do PR bolsonarista, no entanto, dentro dessa ideia de “cristãos conservadores” os neopentecostais seriam representados diretamente.

9. Conclusão

O crescimento do neopentecostalismo no Brasil tem sido caracterizado por um afastamento do pentecostalismo tradicional, com ênfase na rejeição de hábitos considerados mundanos e no estabelecimento de novas crenças, práticas e rituais. As bases do neopentecostalismo residem na teologia da prosperidade e da dominação, que enfatizam a busca por riqueza material como reflexo das bênçãos de Deus. Isso tem tido um impacto significativo na sociedade brasileira, incluindo o envolvimento das igrejas neopentecostais em eleições políticas e seu apoio ao populismo reacionário.

Com seu surgimento comumente associado à fundação da Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, o movimento neopentecostal rompeu com alguns aspectos sectários e ascéticos do pentecostalismo clássico. Essa transformação inclui uma nova maneira de se relacionar com a sociedade, através da aversão a hábitos e vestimentas considerados mundanos, bem como a introdução de novos ritos, crenças e práticas.

3. *Custe o Que Custar* (mais conhecido pela sigla CQC) foi um programa de televisão humorístico brasileiro, de frequência semanal, produzido pela Eyeworks e exibido pela Rede Bandeirantes de 2008 a 2015.

Essa abordagem mais aberta e inclusiva permitiu que as igrejas neopentecostais se expandissem e conquistassem um grande número de seguidores.

Dois elementos centrais da doutrina neopentecostal são a teologia da prosperidade e a teologia da dominação. A teologia da prosperidade prega que a busca por riquezas materiais não deve ser vista como um problema moral, mas sim como um reflexo da ação de Deus na vida do indivíduo. Essa doutrina valoriza o sucesso material e o dinheiro como sinais de bênçãos divinas. Por outro lado, a teologia da dominação atribui problemas financeiros e de saúde à falta de fé e ao pecado, incentivando doações financeiras para a igreja como uma demonstração de fé. Essas doutrinas têm sido cruciais para atrair seguidores e consolidar a influência das igrejas neopentecostais.

O neopentecostalismo no Brasil também tem se mostrado um ator relevante no campo político. Durante a primeira onda do pentecostalismo, que ocorreu no início do século XX, as igrejas pentecostais eram caracterizadas por uma postura de rejeição aos interesses considerados "mundanos", como a participação política. No entanto, essa perspectiva começou a mudar com o advento do deuteropentecostalismo, a segunda onda do movimento, que começou a adotar uma postura mais política e menos ascética.

Ao longo da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), o neopentecostalismo adotou uma postura condescendente em relação ao governo militar, motivado pelo anticomunismo e pelo fundamentalismo religioso. Essa mudança de postura marcou o início de um engajamento político mais intenso por parte das igrejas neopentecostais, que se tornaram atores influentes nas eleições e na formulação de políticas públicas. A partir desse momento, começou a se consolidar uma conexão entre o neopentecostalismo e a agenda política conservadora no Brasil.

A ultradireita, por sua vez, pode ser definida como um fenômeno político caracterizado por movimentos, ideologias e lideranças heterogêneas que convergem em torno de temas como a defesa de uma relação social hierárquica, ultranacionalismo, xenofobia e a rejeição ao pluralismo sociocultural. A ultradireita busca estabelecer e manter hierarquias claras na sociedade, privilegiando grupos considerados "insiders" e excluindo minorias raciais, étnicas, religiosas ou nacionais. Essa ideologia se alinha com uma visão autoritária e antilite do establishment político.

No contexto brasileiro, a convergência entre o crescimento do neopentecostalismo e a ascensão da ultradireita se manifestou notadamente no governo de Jair Bolsonaro. Enquanto liderança política inserida no espectro político da ultradireita, Bolsonaro adotou uma plataforma política associada ao populismo reacionário. Essa plataforma visa resistir aos avanços da igualdade social e defender uma suposta restauração da ordem social, o que reflete o caráter reacionário da ultradireita. Nesse sentido, o neopentecostalismo desempenhou um papel fundamental na agenda de Bolsonaro, fornecendo elementos populistas que contribuíram para a construção da narrativa política do bolsonarismo e a consolidação de sua base de apoio.

A presente pesquisa procurou apontar convergências entre os dois espectros abordados. Tanto o discurso bolsonarista quanto o neopentecostal compartilham uma guerra cultural contra o marxismo. Ambos enfatizam uma narrativa de luta contra a suposta influência marxista nas instituições educacionais, culturais e políticas do país. O discurso bolsonarista tem sido marcado por uma retórica de confronto e polarização contra o que é percebido como uma ameaça comunista, enquanto o

neopentecostalismo muitas vezes retrata o marxismo como um inimigo espiritual que corrompe os valores tradicionais e religiosos. Essa convergência retórica contribui para a consolidação de um campo político conservador, no qual o combate ao marxismo é apresentado como uma questão fundamental para a proteção da moral e da ordem social.

Outro ponto de convergência entre o discurso bolsonarista e o neopentecostal é a posição pró-vida e antiaborto. Tanto o presidente Bolsonaro quanto líderes neopentecostais têm defendido políticas e posicionamentos contrários à legalização do aborto, sustentando a ideia de que a vida deve ser protegida desde a concepção. Essa postura se baseia em uma perspectiva moral e religiosa que valoriza a sacralidade da vida humana e se alinha com as crenças e valores do neopentecostalismo. A defesa enfática da vida e a oposição ao aborto se tornaram elementos mobilizadores tanto na retórica política do bolsonarismo quanto nas práticas e discursos das igrejas neopentecostais.

Além disso, é importante ressaltar que tanto o discurso bolsonarista quanto o neopentecostalismo têm sido criticados por seu anticientificismo e negacionismo em relação a questões como mudanças climáticas, vacinação e outras evidências científicas. Ambos os discursos têm promovido teorias da conspiração e desconfiança em relação à comunidade científica e às instituições científicas estabelecidas. Essa convergência anticientífica pode ter implicações significativas na formulação de políticas públicas e na disseminação de informações confiáveis para a sociedade.

Por fim, embora nem todo discurso bolsonarista ou neopentecostal seja explicitamente racista, é importante notar que ambos têm enfrentado críticas por suas posições e ações que podem perpetuar ou contribuir para a desigualdade racial. O discurso bolsonarista tem sido associado a episódios de racismo e xenofobia, enquanto o neopentecostalismo, em algumas ocasiões, tem sido acusado de promover uma teologia e práticas que marginalizam e discriminam grupos étnicos minoritários. Essa convergência em relação ao racismo pode ser problemática em um país com uma história de desigualdade racial e onde a luta contra o racismo é uma pauta central na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

O estudo das convergências entre o discurso bolsonarista e o neopentecostalismo revela uma interseção complexa e impactante no cenário político e social do Brasil. As semelhanças encontradas em temas como a guerra cultural contra o marxismo, o argumento pró-vida e antiaborto, o anticientificismo e negacionismo, e o racismo fornecem um campo fértil para pesquisas futuras. É fundamental aprofundar a análise dessas convergências, investigando as estratégias retóricas, os processos de mobilização política e a influência mútua entre o discurso bolsonarista e o neopentecostal. Além disso, é necessário examinar o impacto dessas convergências nas políticas públicas, na formação da opinião pública e na dinâmica social do país. A compreensão dessas interações pode contribuir para uma reflexão mais ampla sobre o papel das ideologias políticas e religiosas na construção da sociedade brasileira contemporânea.

Recebido em: 06/06/2023.

Aprovado em: 18/07/2023.

Referências

- Barbosa, Peterson Almeida. 2020. *Abuso do Poder Religioso nas Eleições: a atuação política das igrejas evangélicas*. Editora Lumen Juris.
- Dotta, Renato Alencar. 2012. Um esboço necessário sobre a trajetória do integralismo brasileiro—Da AIB ao ciberintegralismo (1932 a atualidade). *Boletim do Tempo Presente*, número 03.
- Ferreira, Manuela Lowenthal. 2020. Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder. *Revista Fim do Mundo*, número 01, 46–71.
- Freston, Paul. 1999. "Neo-pentecostalism" in Brazil: Problems of Definition and the Struggle for Hegemony. *Archives de sciences sociales des religions*, 145–162.
- G1. 2020. 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha, <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>.
- Greven, Thomas. 2016. The rise of right-wing populism in Europe and the United States. *A Comparative Perspective*. Friedrich Ebert Foundation, Washington DC Office, 1–8.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. *Censo Brasileiro de 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Rio de Janeiro.
- Jupskås, Anders Ravik e Eviane Leidig. 2020. *Knowing what's (far) right: A compendium*. Relatório técnico.
- Laclau, Ernesto. 2005. *On populist reason*. Verso.
- Lee, Benjamin. 2017. CREST Guide: Understanding the Far-Right Landscape. *Centre for Research and Evidence on Security Threats*, <https://crestresearch.ac.uk/resources/understanding-far-right-landscape/>.
- Lynch, Christian Edward e Paulo Henrique Cassimiro. 2021. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018–2021). *Aisthesis*, número 70, 223–249.
- Mariano, Ricardo. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*.
- Mendes, Elenilton O. 2018. Um estudo da terceira onda do pentecostalismo à luz da sociologia da religião de Max Weber. Tese de doutoramento, Faculdade Unida de Vitória.
- Menezes, Maria Eduarda A. de. 2021. Neopentecostalismo e teologia da prosperidade na conservação do espírito do capitalismo na América Latina. I Congresso do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião. <https://ceprir.files.wordpress.com/2022/04/neopentecostalismo-e-teologia-da-prosperidade.pdf>.

- Minkenberg, Michael. 2000. The renewal of the radical right: Between modernity and anti-modernity. *Government and opposition* 32 (2): 170–198.
- Minnicino, Michael. 1992. The Frankfurt School and ‘Political Correctness’. *Fidelio Magazine* 1 (1): 4–27.
- Mudde, Cas. 2004. The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition* 39 (4).
- . 2018. *The Far Right in America*. Londres: Routledge.
- . 2019. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press.
- Norris, Pippa e Ronald Inglehart. 2019. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge University Press.
- Pereira, Eliseu. 2022. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação atual entre a igreja e política brasileira. *Repórter Brasília*.
- Pini, André Mendes. 2021. Desinformação e populismo radical de direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016. Tese de doutoramento, Universidade de Brasília.
- Sedgwick, Mark J. 2004. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford University Press.
- Smith, Amy Erica. 2019. *Religion and Brazilian democracy: mobilizing the people of God*. Cambridge University Press.
- Stanley, Jason. 2018. *Como funciona o fascismo: A política do " nós" e " eles"*. L&PM Editores.
- Teitelbaum, Benjamin R. 2020. *War for eternity: Inside Bannon's far-right circle of global power brokers*. HarperCollins.
- Vergara, Camila. 2020. Populism as plebeian politics: Inequality, domination, and popular empowerment. *Journal of Political Philosophy* 28 (2): 222–246.